



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

## **AVALIAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS ORIENTAÇÕES DOS MANUAIS DO PROFESSOR PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS**

Tatiane Peres Zawaski(Colégio La Salle)<sup>1</sup>  
Lia Schulz(UNILASALLE)<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Avaliar textos é uma tarefa, por vezes, um assunto muito complexo, principalmente para os professores de língua materna. Por ser uma tarefa que se fará presente em nossa prática, percebemos que ainda se faz necessário aprofundarmos os estudos nesta área, já que nos cursos de licenciatura o tema é pouco evidenciado. Assim, este artigo visa refletir sobre a temática avaliação, por meio da pesquisa realizada, com vistas a repensarmos em nossas práticas enquanto educadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Avaliação – Textos – Mediação – Intervenção

### **ABSTRACT**

Evaluate texts is a task sometimes a very complex issue , especially for the mother tongue teachers . As a task that will be present in our practice , we realize that is still necessary to deepen the studies in this area , as in degree courses the topic is little shown . Thus , this article aims to reflect on the thematic evaluation through the survey with a view to rethinking in our practice as educators.

**KEYWORDS:** Evaluation - Texts - Mediation - Intervention

## **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Muitas são as inquietações que recaem sobre nós, educadores, quando o assunto é a avaliação da aprendizagem. Avaliar sempre fora um processo muito complexo,

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras, pelo Unilasalle, Canoas/RS, Graduada em Orientadora Educacional, pela ULBRA e Especialista em Psicopedagoga Clínica e Institucional. Professora de Língua Portuguesa do Colégio La Salle e Orientadora Educacional da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada, pela UFRGS, Professora da disciplina de Linguística Aplicada do Unilasalle, Canoas/RS e Orientadora do artigo.



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 contudo, ainda percebemos que esta temática é pouco abordada nos cursos de licenciatura, deixando, em alguns momentos, dúvidas e certa instabilidade nos docentes.

Como a temática é muito abrangente, delimitaremos nossos estudos na avaliação de textos, nas aulas de língua materna, nos anos finais do ensino fundamental. Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa de levantamento padronizada (FLICK, 2013), realizada com supervisores da rede pública de ensino.

Hoje, muitos são os estudos que enfocam a importância de práticas de produção de textos (GERALDI, 2010;2011;2013; ANTUNES, 2003), porém, pouco se fala sobre formas avaliativas que contemplem a interlocução entre os envolvidos. Percebemos que emerge a necessidade do redimensionamento do processo avaliativo do texto escrito, de forma que seja estabelecida uma relação interlocutiva entre professor e aluno.

Requerendo um sistema avaliativo de textos, onde o aluno seja sujeito que constrói e reconstrói continuamente, através do diálogo e da interação, concebemos a avaliação como um processo de investigação e como um meio de reflexão da atuação docente, sendo considerada uma prática significativa no processo de construção do conhecimento do aluno. Nossa pesquisa estará ancorada nos pressupostos teóricos de Perrenoud (1999), Luckesi (2003), Esteban (2003), Antunes (2003; 2006), Mendéz (2002), Geraldi (2010; 2011; 2013) e Bakhtin (1992) entre outros.

Primeiramente, trataremos um estudo teórico sobre a avaliação. Em seguida, analisaremos os resultados da pesquisa, assim como os documentos que compõem o *corpus* da pesquisa. Após, faremos uma análise destes dados, aliando a teoria com a prática. E, para finalizar, abordaremos a conclusão fazendo um contraponto deste estudo.

## **2 AVALIAÇÃO DE TEXTOS A PARTIR DA INTERAÇÃO: REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 Conceituando a avaliação**

Avaliar é uma tarefa didática necessária, porém, difícil de ser realizada se não estivermos cientes de sua verdadeira função. Ela deve ser entendida como uma



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 atividade crítica da aprendizagem, uma vez que, é por meio dela que adquirimos conhecimentos. Na concepção de Mendéz (2002) a avaliação é uma oportunidade para colocarmos em prática nossos conhecimentos, defendermos nossas ideias, razões e saberes. Mas afinal, o que é a avaliação?

A definição desta prática é muito ampla e depende da visão de cada um. Em nossos estudos, observaremos que esta depende da visão dos docentes, já que estamos focados na avaliação da aprendizagem. Para Luckesi:

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo para aceitá-lo ou transformá-lo. A definição mais comum encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão. (LUCKESI, 2003, p. 33)

Para este autor, avaliar é julgar, é constatar se o aluno atingiu de forma satisfatória o que lhe foi proposto. Esta definição pouco nos ajuda, já que defendemos aqui uma avaliação dialógica.

Na visão de Perrenoud (1999) a avaliação é a criação de hierarquias de excelência, é privilegiar um modo de estar na aula e no mundo. Conforme este autor, a avaliação está sempre em meio a contradições no sistema educativo, já que ela visa à articulação da seleção e da formação do conhecimento e da negação das desigualdades.

Já, segundo Esteban (2003), a avaliação é uma prática social. Ela não pode ser uma tarefa solitária, de responsabilidade exclusiva do docente. Esta prática não deve ser articulada através de instrumentos que distanciam o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento. Segundo a autora, práticas em que se mede o conhecimento e, logo os classifica é uma dinâmica de isolamento dos sujeitos e dificulta o diálogo.

Como vimos, os três autores concebem a avaliação da aprendizagem de formas distintas. Assim, sempre que estivermos tratando de avaliação teremos que saber qual é o pressuposto teórico que embasa a prática do educador, só assim, compreenderemos qual é a função da avaliação na sua prática.

Neste artigo, estaremos fundados em uma prática avaliativa dialógica, onde os sujeitos envolvidos interagem e dialogam para que esta tenha seu real significado que é



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 o de transformar o ensino e, não, apenas, o de classificar e rotular o sujeito. O processo avaliativo deve ser contínuo havendo um permanente processo de ação-reflexão-ação (LUCKESI, 2003).

A avaliação, sendo parte integral do processo crítico, deve ser formativa, já que está, também, a serviço da prática com vistas a melhorá-la. O professor, como mediador do processo de ensino-aprendizagem, deve estar sempre intervindo para que o aluno possa se desenvolver. A avaliação, aqui, é concebida em um processo de triangulação<sup>3</sup> (MENDÉZ, 2002).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, a avaliação deve ser um instrumento que possibilite ao professor analisar sua prática. Ela precisa acontecer em um ambiente em que seja proporcionada a reflexão ao aluno sobre os conhecimentos que ele construiu. Segundo este documento, a avaliação não pode ser unilateral ou monóloga, e, sim, dialógica (BRASIL, 1998, p. 94). Para avaliar sempre deverá ser considerado o ser que ensina, o ser que aprende e todos que, intrinsecamente, estão envolvidos neste processo.

Assim, a avaliação não se aplica exclusivamente a um determinado aluno, considerando, apenas, suas expectativas de aprendizagem, mas, sim às condições em que esta aprendizagem ocorreu. Avaliar a aprendizagem é também avaliar o ensino (BRASIL, 1998, p. 94). A seguir trataremos da avaliação de textos.

## **2.2 A avaliação de textos**

Desde a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, no ano de 1998, o ensino de língua portuguesa tem sido alvo de diversas discussões, principalmente no que tange à escrita já que o texto deveria, segundo este documento, ser o centro do ensino de língua materna na escola.

Muitas são as pesquisas sobre o ensino de língua materna, contudo, pouco se fala sobre as formas de avaliação de textos. Partindo de um ensino onde a linguagem é uma

---

<sup>3</sup> Segundo Mendéz (2002) a triangulação é um processo de interlocução entre professor, alunos e colegas. Para o autor está prática dá voz a todos que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016  
forma de interação (GERALDI, 2011), concebemos o professor como mediador e o aluno como um sujeito ativo que se constrói através da interação com os demais envolvidos. Assim, a avaliação também passa a ser concebida de forma interativa e dialógica.

Segundo Albert (2008), a avaliação da produção dos textos, dos alunos do ensino fundamental, está sendo concebida mais como julgamento e sanção do que mesmo de aprendizagem. Para a autora, muitos educadores não levam em conta a complexidade do processo da escrita, nem seu caráter interacional. Suas avaliações contemplam, apenas, correções gramaticais que não auxiliam aos alunos quanto à reflexão sobre o que escrevem, não permitindo que eles atribuam sentidos a sua correção.

Vendo o texto como um produto interacional (GERALDI, 2011), já que o mesmo tem um sujeito autor que dialoga com o outro (BAKHTIN, 2011) há a necessidade de, através da avaliação, haver um diálogo entre autor-leitor. Sendo assim, a avaliação deve contemplar este processo dialógico para que o aluno, através de seu texto, seja o dono de seu discurso.

De acordo com Schalter e Garcez (2014) através da prática da escrita e da obtenção de reações e respostas do texto que nos constituímos como participantes proficientes. Segundo os autores, só a prática poderá nos proporcionar a aprendizagem, assim, perceberemos detalhes importantes da produção textual.

Recorrendo a Luckesi (2003, p. 99) torna-se evidente a necessidade de uma avaliação pautada nos procedimentos de observação sistemática, análise das produções e atividades específicas para a avaliação. Já que estamos concebendo a avaliação com um foco interacionista, não cabe aqui avaliarmos questões de cunho fonético, fonológico e sintático se não atentarmos para as questões semântico-pragmáticas, já que, para Pazini & Benites:

A visão interacionista da linguagem nos apresenta professor e aluno como interlocutores, isto é, como sujeitos interessados um no outro, e não como elementos cuja função, por um lado, é codificar mensagens para transmitir informações, e, por outro lado, decodificar, decifrar tais mensagens. Essa relação é causa e consequência do respeitar-se o aluno como sujeito do discurso, como alguém que tem o que falar e



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 tem também uma forma para se expressar. (PAZINI & BENITES, 1990, p. 106-107)

Neste sentido, a avaliação não é somente um instrumento que mede o que o aluno sabe para que haja uma punição, mas, sim, uma atividade ampla e complexa que visa à colaboração para o crescimento do aluno (ESTEBAN, 2003, p. 121). Por isso, faz-se importante a construção de uma concepção de avaliação que possa nos dar pistas concretas do percurso em que o aluno está fazendo para apropriar-se do conhecimento, uma vez que, para Antunes:

Nosso compromisso maior é ensinar, ou melhor, é facilitar, é promover a aprendizagem que o aluno está empreendendo. É estimular sua vontade natural de aprender. É, vindo pelo lado contrário, não “atrapalhar”, não dificultar essa vontade, demonstrando, inclusive, que nós, professores, também, ainda estamos aprendendo, ainda vivemos a experiência humanamente feliz de aprender, e, por isso, nos dispomos a promovê-la na escola. (ANTUNES, 2006, p. 179)

Hoje não há mais sentido continuarmos arraigados a uma avaliação de textos sem que haja diálogo (BAKHTIN, 2011) e interação (GERALDI, 2011), onde o professor seja um mediador (VIGOTSKI, 2007), um co-autor (GERALDI, 2010), disposto a posicionar-se como leitor do texto e não somente, como avaliador. É nossa função preparar nossos alunos para construir sua linguagem refletindo sobre ela (GERALDI, 2013).

### **2.3 Critérios de avaliação: diálogo e reflexão**

Como mencionado acima, a avaliação para que cumpra seu papel interacional necessita de certo redimensionamento, principalmente quando se trata de avaliação de textos. Se estivermos trabalhando com construtores do conhecimento, quem aprende não pode se ausentar, nem ser espectador da avaliação (ANTUNES, 2003, p. 164).

Para a autora o que está faltando, em muitas escolas, são práticas de avaliação socializada e autoavaliação, onde o aluno possa refletir e dialogar. Para ela este é um



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 processo em que um se coloca no lugar do outro, autor-leitor de seus textos, pois a linguagem é uma forma de interação (GERALDI, 2011). Segundo este autor:

Num contexto de aprendizagem, professores e alunos são aprendizes, mas em patamares distintos. A relação entre eles é de mediação, sem que um deles tenha previamente definido a zona de desenvolvimento final – o conhecimento fixado e aprendido – já que esta não passa de alavanca para outras explorações possíveis e não previstas. (GERALDI, 2010, p. 77-78)

Ao produzir o aluno está dizendo algo a alguém, está construindo relações dialógicas (BAKHTIN, 2011), e, nada mais justo de que, através da avaliação, o professor, como mediador (VIGOTSKI, 2007), possa interagir com o aluno, para que este venha a refletir sobre sua produção. No campo da avaliação, para Geraldi:

As avaliações de aprendizagem, que deveriam ser diagnósticos de ações a serem executadas no processo de ensino, indicações de caminhos a serem percorridos no aprender a ensinar a aprender, tornaram-se verificações de fixação de conteúdos e quando o insucesso surge, a culpa é do aluno e não do material com que ele tentou aprender. É que ensinar não é mais um modo de constituir uma civilização, mas um modo de controlar e restringir sentidos. E aprender deixou de ser uma afiliação civilizacional para se tornar um cuidado de si pelo qual é responsável o próprio aprendiz para melhor se situar na estabilidade de um modelo de sociedade que se pensa absolutamente estabilizando o imutável. (GERALDI, 2010, p. 89)

Recorrendo a este autor, fica claro que há uma necessidade da avaliação cumprir seu papel diagnóstico, tendo o professor como um mediador pedagógico e co-autor dos textos dos alunos (GERALDI, 2010). Toda a produção requer condições, instrumentos e agentes de produção.

A reflexão da escrita faz-se importante no processo de produção, pois, sendo a escrita uma atividade durativa ela se constrói ao longo de nossas leituras e reflexões (ANTUNES, 2006, p. 167). Assim, para a autora, a avaliação da produção de textos não pode ser um acontecimento pontual, mas sim um processo que envolve reflexão, análise e persistência, na busca de formas mais adequadas para expor o que queremos dizer. A



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 busca por “certo” e “errado”, não se encaixa neste processo, já que o que estamos requerendo é a reflexão do aluno e não a punição pelos seus “erros”<sup>4</sup>.

Antunes (2006, p. 171) destaca que para um melhor desempenho dos alunos, no que se refere às práticas de produção textual, cabe ao professor estabelecer alguns critérios como: refletir e analisar a produção dos alunos, dialogar com o aluno, ver a escrita como uma prática social interativa e, também, adotar diferentes estratégias de correção, de forma que o aluno seja visto como autor de seu texto.

Para a autora, o texto merece uma avaliação multidimensional (ANTUNES, 2006, p.175), já que ele é composto de material linguístico que vai além das palavras nele expressas. O texto é um ponto de chegada e de partida (GERALDI, 2013) por isso requer uma avaliação dialógica e reflexiva onde o ensinar e o aprender tenham o mesmo valor, uma vez que um não ocorre sem o outro.

### **3 METODOLOGIA**

O material que compõe o *corpus* da pesquisa é constituído pela análise documental, assim como pela entrevista realizada com supervisores escolares, com vistas a investigar se os mesmos incentivam os docentes a recorrer às orientações dos livros didáticos adotados na escola. Para a análise, utilizaremos os livros didáticos adotados pelos professores, assim como os relatos expostos na entrevista.

Primeiramente fizemos uma análise sobre as orientações que constam nos livros adotados pela instituição. Como nosso foco de análise recai sobre as questões de avaliação textual, analisaremos, apenas, as orientações sobre esta temática. Após, analisaremos as entrevistas com os supervisores a fim de investigar a real utilização destas orientações.

#### **3.1 Os sujeitos da pesquisa**

---

<sup>4</sup> Na visão das autoras deste artigo um desajuste do texto, ou uma palavra inadequada não pode ser considerada um erro. Deixamos a nomenclatura de erro para aqueles que acreditam em uma avaliação que busca hierarquias de excelência (Perrenoud, 1999).





EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

Para a realização desta pesquisa contamos com a participação de cinco supervisoras escolares, de escolas da rede pública de ensino, da cidade de Canoas. O *corpus* desta pesquisa dar-se-á com a análise da entrevista, bem como pela análise dos livros adotados nestas instituições. Os dados dos participantes serão mantidos em sigilo, contudo, se for de interesse dos participantes, estes poderão ter acesso ao mesmo.

### **3.2 Critérios de análise**

Concluído o processo de geração dos dados, partimos para a análise dos dados a partir do material coletado. Assim, estabelecemos um caminho que seria percorrido, já que deveríamos contemplar todos os objetivos deste estudo.

Dessa maneira, iniciamos com a análise das entrevistas, bem como com a análise documental, neste estudo, os livros didáticos adotados pelos professores. Ao final do estudo aliaremos os dados levantados com a revisão da literatura dos teóricos que embasaram nossa pesquisa.

## **4 ANÁLISE DOS DADOS**

### **4.1 Analisando as entrevistas**

Com base nos dados coletados, por meio das entrevistas, observamos que todas as supervisoras entrevistadas participam da escolha dos livros didáticos, durante o período em que este ocorre nas instituições. Segundo elas, a escolha é baseada em uma análise juntamente com os professores de cada uma das disciplinas.

Quando questionamos o que é analisado no momento da escolha, todas relatam que é o conteúdo que contido nos mesmos. Porém, uma das supervisoras ressalta que além da adequação dos conteúdos, também é analisado se estes estão de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola.

Na questão se há costume de indicar que os educadores leiam as orientações do professor, previstas nos manuais, apenas duas supervisoras relatam a importância da leitura destas orientações. As demais, dizem ser critério do professor. Também fora questionado se há incentivo para que os professores utilizem às orientações em suas



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 práticas, segundo as entrevistadas, as práticas são de responsabilidade do professor e este, por sua vez, tem autonomia de fazer suas escolhas.

Quando questionamos se há incentivo da utilização das dicas de avaliação, contidas nos manuais, nenhuma das supervisoras incentiva que seja recorrido as orientações. Uma das entrevistadas ressalta que a avaliação deve vir ao encontro do Projeto Político Pedagógico da escola, as demais ressaltam que é uma especificidade do educador e esta deve ser de acordo com os objetivos propostos por ele.

Na última questão do instrumento, onde questionamos o que é a avaliação e para que serve, todas destacam a avaliação sendo um instrumento que serve para medir a aprendizagem. Para as supervisoras ela serve para professores e alunos refletirem sobre suas funções na escola.

#### **4.2 O que dizem os manuais adotados pelas escolas**

Após a realização das entrevistas, analisamos os cinco livros didáticos utilizados nas escolas em que ocorreram as entrevistas. Abaixo faremos uma breve análise do que cada manual relata sobre avaliação da produção de textos.

A escola A utiliza o livro *Coleção Português nos dias de hoje*, da editora Leya, dos autores Faraco & Moura. Segundo estes autores, a avaliação de textos não é para que sejam corrigidos os erros dos alunos, mas sim, para que eles sejam orientados quanto o seu texto. Para eles a avaliação deve ser contínua, e a reescrita textual é um momento privilegiado em que deve ser adotado pelo professor, uma vez que por meio dela haverá reflexão sobre os usos e o funcionamento da língua.

A escola B que utiliza o livro *Coleção Vontade de Aprender*, da editora FTD, dos autores Rosimeire Alves & Tatiane Brugmerotto. Analisando o livro observamos que as autoras não contemplam a avaliação de textos. Na obra é apontada a avaliação no ensino de língua portuguesa, sendo que para as autoras a avaliação deve ser um conjunto de ações com uma determinada finalidade. Para elas a avaliação serve para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, sendo que ela pode fazer que haja um redimensionamento na prática de cada educador.



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

Na escola C, o livro adotado pelos docentes de língua portuguesa é a *Coleção Tudo é Linguagem*, da editora Ática, dos autores Ana Borgetto, Terezinha Bertin & Vera Marchezi. Neste manual as autoras iniciam apontando o que é a avaliação para elas, logo mensuram a avaliação nas atividades de leitura e interpretação de textos, seguidas das atividades de produção.

Segundo as autoras, no livro estão contemplados diversos gêneros textuais cotidianos para leitura, interpretação e escrita. Elas elencam algumas condições que, segundo elas, podem fazer parte dos critérios de avaliação. Nestas condições estão o contexto e a situação em que o texto é produzido, a intenção comunicativa predominante, as escolhas de linguagem e de recursos estilísticos e a adequação ao público em que ele se destina.

Para as autoras a retextualização é um instrumento primordial na produção. Através dela os alunos irão refletir sobre os gêneros, bem como suas adequações. Esta retextualização nada mais seria do que a reescrita do texto para que fosse adequado de acordo com os critérios das autoras, os quais já ressaltamos anteriormente.

As escolas D e E utilizam o livro *Coleção Viver Juntos*, da editora SM, dos autores Cibeli Lopresti Costa, Gretta Marchetti & Jairo Batista. Os autores utilizam os conceitos bakhtinianos para conceber a produção de textos, destacando, em um quadro, a diversidade de gêneros que podem ser trabalhados nas escolas. Quanto a avaliação de textos, para eles há alguns critérios fundamentais que são de suma importância na prática avaliativa. Dentre os critérios, os autores ressaltam que a escrita deve ser planejada, revisada e reescrita tanto pelos alunos quanto pelos educadores.

### **4.3 Analisando os instrumentos: entrevistas X documentos**

Como podemos observar tanto nas entrevistas, quanto na análise documental, a avaliação é um tema gerador de diversas opiniões, porém, muitas vezes, com poucas indicações de uma melhoria na prática dos educadores. Se observarmos na entrevista, as supervisoras relatam que a avaliação é um instrumento que serve para medir a aprendizagem, contudo, nenhuma das supervisoras a entende como uma prática social (ESTEBAN, 2003).



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

Fundadas nesta concepção avaliativa, podemos observar que pouco se dialoga durante este processo, já que, segundo os relatos, das entrevistas, a avaliação é apenas um instrumento de medição e não um instrumento de reflexão e diálogo (GERALDI, 2011).

Quanto às orientações previstas nos livros didáticos observamos que há uma riqueza imensurável contemplada em cada manual. Nos quatro manuais analisados constatamos diferentes formas de avaliar, porém, há uma diversidade de informações que podem ser úteis para que cada professor reveja sua prática e reflita sobre suas formas de avaliação.

Percebemos, também, que os autores dos livros didáticos estão preocupados com uma avaliação pautada no diálogo (GERALDI, 2010) e na reflexão (ANTUNES, 2006), fatores abordados e defendidos neste artigo. Por meio das reescritas textuais, indicadas pelos autores dos livros didáticos analisados, os alunos poderão refletir sobre seus textos e interagir com o professor que será um mediador (VIGOTSKI, 2007) deste processo.

Assim, ressaltamos a importância de recorrer as orientações previstas nos livros, de forma que já durante a escolha dos livros didáticos estas orientações sejam levadas em conta, pois, elas podem ser de grande valia para o ensino de língua materna na escola. Mesmo a avaliação sendo um tema gerador de diversas discussões e de grandes inquietações, os manuais trazem informações que podem ser discutidas pelo corpo docente, em reuniões pedagógicas, a fim de redimensionar as formas que acreditamos ser únicas e mais eficientes.

Percebemos, através da análise documental, que atualmente os autores estão preocupados com a reflexão linguística e atentam para a necessidade da reflexão dos usos da linguagem. As avaliações descritas nestes manuais, são as mesmas previstas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, as quais prevê um aluno que interage e dialoga.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As inquietações que nos mobilizaram a realizar esta pesquisa continuam mesmo após sua conclusão. Ao finalizarmos este processo e darmos início a análise dos dados,



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 percebemos que as respostas obtidas, por meio da pesquisa, ainda requer que o tema seja disseminado entre os educadores.

As entrevistas apontam a necessidade de redimensionar a avaliação dos textos na escola, já que, todas as entrevistadas concebem a avaliação como um instrumento de medição e não como uma prática social (ESTEBAN, 2003). A reflexão tão defendida neste artigo deve permear no meio escolar, uma vez que os educadores necessitam rever suas práticas avaliativas, no que tange a avaliação de textos, de forma a se considerar como mediador (VIGOTSKI, 2007) e o aluno como autor que tem algo a dizer a alguém (GERALDI, 2010).

Acreditamos que os manuais têm orientações de grande valia para que sejam refletidas, principalmente nas reuniões pedagógicas nas escolas. Desde a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no ano de 1998, muitas são as discussões sobre o ensino, porém, constatamos que as práticas continuam arraigadas em uma avaliação classificatória que pouco auxilia no processo de ensino-aprendizagem, já que seu único interesse é medir o conhecimento dos alunos sem que sejam realizadas adequações no ensino para que ele venha realmente se desenvolver de forma cognitiva.

Ao finalizar esta pesquisa sabemos que ainda há muito o que caminhar. De momento, o que desejamos é que este artigo possa auxiliar a reflexão de alguns docentes no que tange a avaliação de textos. Como pesquisadoras, continuaremos a disseminar estudos sobre este tema a fim de refletir sobre nossas práticas enquanto educadoras e, também, proporcionar a reflexão de outros pesquisadores engaiados nesta linda temática que é a avaliação de textos.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, Sílvia Augusta de Barros. **Interação pela linguagem na avaliação de produções escritas: ordem ou diálogo?** Revista de Estudos Linguísticos – Edição nº 37- Maio de Agosto de 2008 – São Paulo.



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016  
ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

\_\_\_\_\_. **Avaliação da produção textual no ensino médio**. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011

\_\_\_\_\_. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2003

MENDÉZ, J.M. Álvares. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAZINI, M. C. B. ; BENITES, S. A. L. A concepção de língua e gramática do livro didático. **UNIMAR**, vol. 12, (01), pp.101-19, abril, 1990.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999

SCHALTER, Margarete; GARCEZ, Pedro de Moraes. **Avaliar a escrita é ser interlocutor do texto**. In: Revista Na Ponta do Lápis. Ano X – Número 24 – Maio de 2014 – São Paulo.

VIGOTSKI, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007